



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



PEDAGOGIA

JULIA NUNES CERQUEIRA DOS PASSOS

**AS PRÁTICAS DISCIPLINARES APLICADAS
AOS ALUNOS DA 4ª SÉRIE DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE RIO CLARO –
UM ESTUDO DE CASO**

Rio Claro
2010



JULIA NUNES CERQUEIRA DOS PASSOS

AS PRÁTICAS DISCIPLINARES APLICADAS AOS ALUNOS DA 4ª
SÉRIE DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE RIO CLARO – UM ESTUDO
DE CASO

Orientadora: PROF^a.DR^a. JOYCE MARY ADAM DE PAULA E
SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2010

371.5 Passos, Julia Nunes Cerqueira dos
P289p As práticas disciplinares aplicadas aos alunos da 4ª série
de uma escola municipal de Rio Claro: um estudo de caso /
Julia Nunes Cerqueira dos Passos. - Rio Claro : [s.n.], 2010
46 f. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Joyce Mary Adam de Paula e Silva

1. Disciplina escolar. 2. Indisciplina. 3. Punição. 4.
Equipe gestora. 5. Grupos. 6. Comportamento. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a DEUS, pois é nele que me fortaleço todos os dias para conquistar todas as minhas vitórias e aprender com as derrotas.

À minha família que sempre torceu por mim e esteve ao meu lado tanto nos momentos bons, como nos ruins.

Ao meu querido noivo João Paulo que com seu bom humor e carinho, me ajuda todos os dias a enxergar as melhores coisas da vida, mesmo naqueles momentos em que tudo o que foi planejado não tenha dado tão certo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a DEUS, porto seguro em minha vida.

À professora Joyce Mary Adam de Paula e Silva que sempre esteve pronta a me atender, com muita paciência e compreensão, proporcionando-me uma grande fonte de conhecimento através de suas orientações.

Aos meus pais e minhas irmãs Joana e Marinalva que nunca deixaram de me dizer palavras de incentivo, utilizando em todos os momentos um vocabulário simples, mas confortante e seguro.

Ao meu noivo João Paulo que sempre esteve ao meu lado, suportando as minhas piores crises de cansaço e se privando muitas vezes de ficar perto de mim nos momentos em que me concentrava para fazer as atividades da faculdade. É muito gratificante lembrar de suas frases de apoio e principalmente, por seu respeito e carinho.

Aos meus sobrinhos Davi e Samuel que mesmo sendo bem pequenos me ajudaram a ter vontade de continuar e me descansaram com suas brincadeiras.

A todas as pessoas, alunos e professores que contribuíram direta ou indiretamente com esta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa busca identificar qual é a compreensão que alunos, professores e equipe gestora da escola tem sobre o conceito de indisciplina e, como este foi se construindo ao longo dos anos. Dessa forma mediante as observações das relações existentes dentro de uma unidade educacional do município de Rio Claro foram analisadas as práticas punitivas aplicadas para os alunos considerados indisciplinados. A indisciplina atualmente tornou-se objeto de muita preocupação devido à transformação de suas causas e efeitos na sociedade. A escola, atualmente, apresenta um número considerável de grupos que a frequentam com propósitos e ideais diferentes e isso pode motivar a criação de conflitos em que se torna necessário a mudança de atitude no tratamento desses comportamentos considerados como indisciplinados.

Palavras-chave: indisciplina, escola, conceito, ato indisciplinado.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	6
METODOLOGIA DA PESQUISA: O ESTUDO DE CASO.....	8
 CAPÍTULO I - DISCIPLINA NA SOCIEDADE E NA ESCOLA.....	 13
1.1 A formação do conceito de disciplina na sociedade.....	13
1.2 A indisciplina e a instituição escolar.....	17
 CAPÍTULO II.- IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR.....	 23
2.1 Caracterização da escola e sua região.....	23
2.2 O perfil dos entrevistados.....	25
2.3 O que pensam os profissionais da educação sobre a indisciplina.....	26
2.4 O que pensam os alunos das quartas séries sobre o conceito de indisciplina..	33
 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	 41
 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 45

Introdução

Este estudo tem por objetivo investigar a indisciplina presente no cotidiano das escolas brasileiras e quais medidas estão sendo utilizadas por essa instituição para reverter esse quadro. Pretende-se também pesquisar a percepção que alunos, professores e diretor têm sobre as ações consideradas indisciplinadas que ocorrem na unidade escolar e analisar as práticas disciplinares e punitivas que são aplicadas.

Para tanto foram realizadas observações do cotidiano e das relações existentes entre os alunos das quartas séries, com faixa etária de nove a doze anos de uma escola localizada no município de Rio Claro, suas professoras e a equipe gestora. Em seguida, foram feitas entrevistas com o diretor escolar, os professores e os alunos da série estudada para identificar qual o conceito que cada um traz sobre a indisciplina. Posteriormente, os depoimentos encontrados nas entrevistas serviram como indicadores para a interpretação e análise dos dados coletados. Também foram levantados dados secundários através de consultas bibliográficas e a realização de sua leitura.

De acordo com Lüdke (1986), o estudo de caso é um estudo bem delimitado, que ocorre em situações naturais, com a utilização de dados descritivos que visam identificar a realidade de forma contextualizada. Assim, essa pesquisa procura identificar e compreender as relações existentes dentro desse grupo de estudo, e quais são as implicações dessa interação.

O interesse por este estudo originou-se a partir da minha prática em sala de aula; da observação realizada acerca do relacionamento entre diretores, professores e alunos; e em decorrência das discussões feitas na universidade sobre a questão da violência e a escola.

Atualmente, tanto pais quanto professores reclamam que as crianças não os obedecem mais e que isso acontece porque falta impor limites a elas. A escola de um lado alega que a família não impõe as regras aos seus filhos e, por outro lado, a família aponta que a escola não ensina os limites.

De maneira geral, a família e a escola passam por grandes conflitos uma vez que ambas, não sabem como agir quando o assunto é a indisciplina. Vivemos em uma época em que as punições aplicadas antigamente não são mais aceitas e, se aplicadas, parecem ser ineficientes.

Dentro desse contexto a escola vive nos dias atuais um grande desafio, pois os profissionais da educação tentam se situar diante da questão e se deparam com um número cada vez maior de “acontecimentos indisciplinados” que influenciam diretamente ou indiretamente o processo de ensino-aprendizagem.

Para Candau (2001), é importante identificar dentro da escola as relações entre os fins e objetivos que ela possui, e as manifestações de indisciplina que ocorrem em seu interior. Percebe-se que a escola enfrenta uma crise no que se refere ao poder dessa instituição. Ao longo dos anos a sociedade foi apresentando mudanças e a escola manteve a mesma estrutura, independente do contexto do mundo ao seu redor.

De acordo com Fávero (1997), a escola era vista enquanto instrumento de ascensão social, o professor possuía status como mediador dessa ascensão, a escola era fonte privilegiada de informações.

Ao contrário do que acontecia no passado, a escola nos dias atuais deixou de representar a única ou principal fonte de conhecimento, pois a tecnologia abriu um grande leque de informações, possibilitando a diversos alunos de vários lugares o contato imediato com assuntos diversos. Além disso, o professor foi perdendo importância dentro desse novo contexto porque deixou de ser o principal mediador na escalada de aquisição de conhecimento dos alunos.

Atualmente, observa-se uma mudança nesse quadro e um enfraquecimento do papel da escola. A falta de investimentos efetivos do Estado na educação; de políticas reais de democratização da escola; a grande expansão quantitativa do acesso à escola, sem o devido acompanhamento qualitativo e a desvalorização dos profissionais da educação, acabam gerando uma crise de identidade da escola. Bourdieu (apud PAIVA,1992, p.69) afirma que:

... o poder da disciplina escolar e da internalização de normas de conduta, valores, esquemas de percepção e ação resulta de um longo processo de incorporação inconsciente das estruturas sociais objetivas que ocorre através de anos de frequência à escola e que o embate com as condições objetivas de vida pode reduzir sua eficácia. (BOURDIEU p. 69)

Ou seja, numa sociedade cada vez mais marcada pelo individualismo e pela ausência de estabelecimento do que é certo ou errado, torna-se difícil para pais e educadores determinarem limites ou construir regras disciplinares, pois muitas vezes com medo de cometerem a mesma educação autoritária em que foram criados, têm dificuldade para instalar regras e limites de disciplina.

É importante ressaltar que a violência na escola não pode ser analisada como um fenômeno isolado, pois ela é parte de um processo maior, que vai além da escola, isto é, implica numa série de fatores que dizem respeito ao contexto social como um todo. Pino (apud CANDAU, 2001, p.14) destaca que:

As causas da violência na escola, assim como na sociedade em geral, são múltiplas e complexas, mas a origem de todas elas pode estar situada nas intoleráveis condições econômicas e sociais criadas pelo tipo de modelo de desenvolvimento que foi implementado, ao longo dos anos, no Brasil.

A administração escolar é muito importante dentro desse contexto. A análise dessa relação entre indisciplina, alunos e diretores serve para identificar como o administrador pode contribuir ou desestruturar o espaço educacional. A indisciplina é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Dessa maneira a equipe gestora juntamente com os professores e outros profissionais da área da educação se deparam com um significativo obstáculo que necessita ser cuidadosamente pensado, pois as punições aplicadas aos atos indisciplinados podem interferir positivamente ou negativamente no processo de superação desse grande desafio.

Assim, a indisciplina presente na esfera escolar será analisada através das relações de autoridade e poder entre o diretor, os professores e os alunos; e a partir das medidas punitivas empregadas pela direção da escola.

Todo esse estudo está embasado em suportes teóricos relativos ao tema. No primeiro capítulo faço uma reflexão sobre o conceito de disciplina e como este se constituiu com o passar do tempo, destacando como a indisciplina tem influenciado e caracterizado o espaço escolar nos dias atuais. No segundo capítulo a escola estudada é identificada e as respostas fornecidas pelos entrevistados são analisadas. No terceiro capítulo faço uma reflexão sobre as análises das entrevistas.

Metodologia da pesquisa: o estudo de caso

De acordo Lüdke (1986), o termo pesquisa vem sendo utilizado em diferentes setores da sociedade. Atualmente, por exemplo, é comum ouvir entre os meios de comunicação que pesquisas são feitas para coletar informações sobre assuntos diversos.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados coletados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. (LÜDKE, 1986, p.1e2)

Dessa forma a pesquisa constitui-se no momento em que informações sobre a realidade são coletadas, refletidas e possam conduzir à proposta de sugestões para a resolução do problema. Segundo Lüdke, o conhecimento encontrado a partir de uma pesquisa ocorre devido à curiosidade, à inquietação e da atividade investigativa dos indivíduos em elaborar e sistematizar as informações coletadas.

Para Lüdke (1986), a pesquisa como atividade humana e social carrega consigo valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Assim a maneira de pensar do pesquisador também norteia sua abordagem de pesquisa, fazendo com que seu objeto de estudo acumule evidências a partir dos conhecimentos estudados na sociedade e das especificidades de cada pesquisador.

As metodologias qualitativas estão sendo cada vez mais utilizadas pelos pesquisadores na área da educação, porém ainda existem muitas dúvidas relacionadas à utilização das pesquisas qualitativas, ou seja, é comum o pesquisador se perguntar quando deve ou não utilizá-las.

Os autores Borgdan e Biklen (apud LÜDKE, 1986, p.11) conceituam a pesquisa qualitativa segundo cinco características que consideram fundamentais para este tipo de estudo. Inicialmente, eles ressaltam que a pesquisa qualitativa tem como fonte para coleta de dados o próprio ambiente e o pesquisador como seu principal instrumento. Dessa forma, segundo esses autores:

... a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. Por exemplo, se a questão que está sendo estudada é a da indisciplina escolar, o pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que esta se manifeste, o que vai exigir um contato direto e constante com o dia-a-dia escolar. (LÜDKE, 1986, p.11)

O contato do pesquisador com o ambiente estudado é importante, pois o objeto de estudo é influenciado pelas particularidades do local em que está inserido, fazendo com que este contato seja essencial para que se possa entendê-lo.

Uma segunda característica desse tipo de pesquisa é que os dados coletados são predominantemente descritivos, isto é, as informações obtidas possuem inúmeras

descrições de pessoas, lugares, incluindo a utilização de entrevistas, depoimentos e outros suportes de pesquisa.

A terceira característica refere-se a maior preocupação com o processo de pesquisa do que com o produto, pois a preocupação do pesquisador é a de verificar como determinados procedimentos interferem nas interações cotidianas do ambiente pesquisado.

Na quarta característica encontra-se em questão a atenção que o pesquisador tem que dar ao significado que as pessoas atribuem às situações do cotidiano, ou seja, é muito importante identificar os pontos de vista e as percepções que os indivíduos têm de um mesmo momento.

A última característica refere-se à análise dos dados. Neste tipo de pesquisa, de acordo Borgdan e Biklen, os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos, pois as abstrações se formam ou se consolidam a partir da inspeção dos dados.

Entre as metodologias utilizadas dentro da abordagem qualitativa de pesquisa encontra-se o estudo de caso. De acordo com Lüdke (1986), o estudo de caso é o estudo de um caso, sendo sempre bem delimitado, podendo ser semelhante a outros, mas ao mesmo tempo distinto devido ao interesse próprio do pesquisador. Assim, segundo Goode e Hatt (apud LÜDKE, 1986, p.17), o estudo de caso:

... se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso. (LÜDKE, 1986, p.17)

Segundo Lüdke (1986), em um estudo de caso, o pesquisador considera as descobertas realizadas ao longo de seu estudo, mesmo tendo partido de pressupostos teóricos iniciais, levando em consideração o contexto em que sua pesquisa se situa. Além disso, os estudos de caso buscam retratar a realidade detalhadamente, ressaltando as relações existentes entre os indivíduos que a compõem; utilizam várias fontes de informação através da análise de diferentes dados, revelando, inclusive, opiniões divergentes dentro de um mesmo contexto. O pesquisador também tenta relatar a sua experiência durante seu período de pesquisa.

Os autores Nisbet e Watt (apud LÜDKE, 1986, p.21), caracterizam o desenvolvimento do estudo de caso em três fases. A primeira denominada como

exploratória visa estabelecer os primeiros contatos para o início do estudo de campo, isto é, objetiva localizar as fontes de dados necessárias para a pesquisa. A segunda procura enfatizar a coleta sistemática de informações, utilizando os instrumentos necessários para sua realização. A terceira e última fase caracteriza-se pela análise das informações coletadas. É importante ressaltar que essas fases se completam em vários momentos, não seguindo necessariamente, uma seqüência linear.

De acordo com Lüdke:

... Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade. (LÜDKE, 1986, p.24)

Esta pesquisa utiliza o estudo de caso como técnica para a obtenção de dados sobre as ações efetuadas dentro de uma escola para tentar conter, ou diminuir, casos de violência física e verbal entre os alunos que a frequentam.

Torna-se interessante observar que a incidência de casos agressivos e, conseqüentemente, considerados indisciplinados nas quartas séries da escola pesquisada, acentuam uma problemática que vem assustando cada vez mais pais e profissionais da educação.

A metodologia do estudo de caso utilizada nesta pesquisa de caráter qualitativo consistiu principalmente na aplicação de questionários com os professores e equipe gestora; e da realização de entrevistas estruturadas com alunos de uma escola pública da periferia do Município de Rio Claro, localizado no Estado de São Paulo. As cinco professoras entrevistadas foram escolhidas para a realização desta pesquisa, pois atuam nas quartas séries da escola. Os alunos entrevistados também foram escolhidos tendo como critério estarem matriculados e frequentando a quarta série. Essas entrevistas foram elaboradas com questões abertas que abordavam, fundamentalmente, o conceito que professores, equipe gestora e alunos das quartas séries tem sobre a indisciplina e quais são os meios utilizados pela escola para lidar com as situações de indisciplina no cotidiano escolar. Além disso, uma conselheira tutelar foi entrevistada com o objetivo de identificar quais casos são enviados, frequentemente, pela escola ao Conselho Tutelar e, se estes realmente são de responsabilidade deste órgão.

Também foi realizada uma descrição do perfil dos entrevistados, seguida de uma análise, de caráter qualitativo, das respostas dadas.

Segundo Lüdke:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. ... a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (LÜDKE, 1986, p.34)

As entrevistas estão sendo cada vez mais utilizadas, pois permitem uma maior interação do pesquisador com os indivíduos que fazem parte de seu estudo. Além disso, de acordo com Lüdke (1986), é muito importante o pesquisador respeitar os limites do entrevistado, envolvendo desde o local e horários marcados para a entrevista até o sigilo com relação ao nome do informante.

Ao utilizar a entrevista o pesquisador também pode desenvolver e estimular a quantidade de informações que são reveladas pelo entrevistado, incentivando o diálogo sobre assuntos que fazem parte do cotidiano do indivíduo pesquisado. Dessa forma permite o contato do entrevistador com as expressões e gestos que os entrevistados demonstram no decorrer da entrevista, possibilitando ao pesquisador mais uma fonte de análise para a compreensão do que está sendo dito.

Totalizando vinte e nove entrevistas, esta pesquisa utilizou os dados coletados para analisar e refletir as concepções que os indivíduos em questão trazem sobre a indisciplina; e as práticas punitivas utilizadas para inibir os atos de indisciplina da escola.

CAPÍTULO 1 – Disciplina na Sociedade e na Escola

1.1 A formação do conceito de disciplina na sociedade

O conceito de disciplina dentro da sociedade foi sendo construído ao longo dos anos, a partir de processos econômicos, políticos e científicos. De acordo com Foucault (1987), as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas. Dessa maneira, ela é utilizada para manter uma sociedade formada por grupos com valores e interesses diferentes dentro de um sistema cheio de regras que devem ser obedecidas para a manutenção do controle dos corpos.

Inicialmente, as penas aplicadas àqueles que desobedeciam alguma regra e cometiam um crime (século XVII), demonstravam um ritual de sofrimento organizado e serviam para manifestar o poder de quem pune: existia neste caso a prova de poder do soberano, pois não havia a possibilidade de resistência por parte do criminoso. Dessa forma, a punição por um longo tempo, esteve relacionada com um espetáculo, em que os condenados eram punidos em locais públicos e, assim, as pessoas que assistiam tinham a certeza de até onde poderiam ir nos limites da lei.

Os castigos serviam para ferir o corpo e a alma, e representavam a maneira com que o criminoso se arrependia do crime que cometeu. Além disso, encontrava-se com o castigo a maneira de buscar a vingança pessoal e pública do rei que estava presente em todo o ritual que se seguia ao longo da efetivação de punição empregada ao criminoso.

Ainda segundo Foucault (1987), durante o século XVII, surgiram protestos contra a maneira com que os crimes eram julgados e os castigos que eram utilizados. Existia a necessidade que as penas se tornassem moderadas e proporcionais ao delito. Entretanto, no final deste mesmo século, podiam-se evidenciar três maneiras de organizar o poder de punir:

... A primeira é a que ainda estava funcionando e se apoiava no velho direito monárquico. As outras se referem, ambas, a uma concepção preventiva, utilitária, corretiva de um direito de punir que pertenceria à sociedade inteira; mas são muito diferentes entre si, ao nível dos dispositivos que esboçam. Esquemmatizando muito, poderíamos dizer que, no direito monárquico, a punição é um cerimonial de soberania; ela utiliza as marcas rituais da vingança que aplica sobre o corpo do

condenado (...) No projeto dos juristas reformados, a punição é um processo para requalificar os indivíduos como sujeitos de direito; utiliza não marcas, mas sinais, conjuntos codificados de representações, cuja circulação deve ser realizada o mais rapidamente possível pela cena do castigo, e a aceitação deve ser a mais universal possível. (...) (FOUCAULT, 1987 p. 115 e 116)

As punições foram se transformando a partir das mudanças ocorridas na estrutura sócio-político-econômica. O extermínio do culpado foi cedendo lugar à tentativa de reintegração desse indivíduo à sociedade. A pena deixou de ser utilizada como uma técnica de sofrimento e passou a ter como objeto de punição a perda de um bem ou de um direito. Entretanto, somente a privação da liberdade não funcionaria sem a aplicação de castigos como a redução alimentar, os castigos físicos, ou a masmorra. Na prisão, os castigos sempre eram aplicados mediante ao sofrimento físico.

Assim com a elaboração da instituição carcerária, os corpos dos indivíduos passam a ser treinados, através de técnicas coercitivas que supõem a implantação da gestão da pena. A prisão torna-se um local em que se permite a observação minuciosa do comportamento e das características dos condenados, permitindo que os mesmos fossem divididos de acordo com o vício que apresentavam, ou a partir de sua fraqueza.

Durante o século XVIII houve a descoberta que o corpo podia e devia ser utilizado como objeto e alvo de poder. Neste período toda a atenção se volta à manipulação do corpo que poderia ser treinado, obediente e modelado.

De acordo com Foucault (1987), esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade, são o que podemos chamar as disciplinas.

A disciplina já existia em conventos e no exército, porém durante o século XVIII ela toma forma de dominação, utilizando diversas técnicas. Primeiramente, a disciplina exige um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo, para a distribuição dos indivíduos no espaço. Assim são criados espaços como os colégios, os quartéis, as fábricas.

Segundo Foucault (1987, p.130), "o modelo do convento se impõe pouco a pouco; o internato aparece como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito."

As disciplinas, organizando as celas, os lugares e as fileiras criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a

circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais projetam-se sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. (FOUCAULT, 1987 p. 135)

Foucault (1987) destacou que a escola tornou-se o espaço em que a disciplina foi amplamente utilizada para a manutenção da ordem. A disposição dos corpos em fila; a ordenação das carteiras por fileiras; a separação dos alunos de acordo com o seu sexo e idade em cada série tornaram possíveis o controle de cada um e o trabalho simultâneo com todos. Tudo isso propiciou o funcionamento do espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas ao mesmo tempo de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.

Percebe-se que a escola desempenha um papel muito importante dentro dessa estrutura. Ela funcionaria como uma instituição que tem como objetivo, inicialmente, adestrar o sujeito, preparando-o para a vida em sociedade.

Dentro desse contexto, o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Segundo Foucault é um exercício que passa pela expiação e pelo arrependimento, pelos valores do bem e do mal. Ou seja, as regras impostas deveriam ser obedecidas literalmente pelos indivíduos, que as obedeciam com medo da punição que receberiam caso discordassem. As punições eram extremamente severas e serviam para demonstrar o poder da autoridade que neste caso era representada pelo professor.

Em seu livro *Microfísica do Poder* (1982), Foucault identifica uma relação de poder sobre os indivíduos presos refletida em seus corpos e que utilizava uma técnica própria de controle. Sendo essa técnica aplicada em prisões e em outras instituições, como a escola. Esse tipo de poder utilizado nesses lugares, Foucault denomina de disciplina ou poder disciplinar, definindo-o como “um método que permite o controle minucioso das operações do corpo, que assegura a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade e utilidade”. (p.17)

Ou seja, é um instrumento que atua no corpo dos homens, manipulando-os, produzindo um tipo de indivíduo necessário para o funcionamento e manutenção da sociedade industrial. Dessa maneira em todas essas instituições, inclusive na escola, a disciplina é um tipo de organização do espaço em que os sujeitos são colocados em um lugar classificatório, fechado e hierarquizado. Ela também serve como controle do tempo, objetivando que a pessoa consiga produzir mais em menos tempo e utiliza a vigilância como instrumento de controle.

Esses elementos de controle foram aproveitados nas instituições de acordo com as necessidades específicas de cada uma, era o mesmo tipo de poder exercido por elas, porém com objetivos diferentes. Na escola, as crianças coagidas a obedecer deveriam se enquadrar dentro das regras estabelecidas por aqueles que eram responsáveis em vigiá-las: os professores. Estes por sua vez, possuíam mecanismos de punição, como castigos físicos ou morais.

As instituições disciplinares criaram uma máquina de controle que funcionava como instrumento minucioso de observação do comportamento, formando ao redor do homem um aparelho de registro e de treinamento de suas ações. Desse modo a disciplina atendeu a exigência de construir uma máquina com forças para obter um aparelho eficiente.

Na escola essa máquina tornou-se um aparelho de aprender em que cada aluno, cada nível e cada momento estavam combinados como deveriam ser. O treinamento dos alunos era feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação e um silêncio total que somente poderia ser interrompido por sinais. O aluno deveria aprender o código dos sinais (formado por instrumentos simples como o olhar hierárquico de seu mestre), obedecendo a cada um deles automaticamente.

Os castigos empregados deveriam seguir uma lei, um regulamento, tendo como função reduzir os desvios sendo, portanto, um corretivo.

A punição na disciplina transformou-se em um sistema em que o aluno, dependendo do seu comportamento, poderia ser gratificado ou punido. Dessa maneira esse sistema tornou-se um processo de treinamento e correção. A escola por muitos anos utilizou esse sistema e através dele conseguia manter a disciplina e o controle.

Foucault (1987) destaca que a escola combina técnicas de hierarquia e de sanções que permitem através do exame qualificar, classificar e punir.

O exame supõe um mecanismo que liga certo tipo de formação do saber e certa forma de exercício do poder. Isto é, através do exame o indivíduo pode ser descrito, medido e comparado a outros, delimitando assim aqueles que devem ser treinados, classificados ou excluídos.

A escola deveria agir com precisão sobre os indivíduos, mantendo um conjunto de procedimentos racionais e de técnicas operatórias produtoras da disciplina que tornariam os corpos dóceis e úteis.

O poder encontra o próprio grânulo dos indivíduos, atinge seus corpos, vem inserir-se em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua

aprendizagem, sua vida cotidiana. O século XIX encontrou um regime por assim dizer sináptico do poder, do seu exercício no corpo social. (FOUCAULT, 2003, p.19)

Ao longo dos anos o poder antes estruturado na figura do rei foi se modificando, se reajustando aos novos regimes políticos. Esse mecanismo de poder nunca deixou de existir, pois se transformou de acordo com os interesses econômicos de cada época.

Dessa maneira pode-se perceber que a disciplina garantiu a submissão dos corpos e a aplicação dos castigos, permitindo a perpetuação das relações de poder entre quem manda e quem obedece.

À medida que a sociedade foi se transformando e evoluindo, a escola e a família, aboliram os castigos muito severos, porém houve uma confusão entre a necessidade da existência de normas, autoridade e sanções, com a ausência total desses elementos.

A educação, dessa forma, desempenha um papel muito importante, pois tem como função perpetuar a sociedade através da instituição escolar, sendo este espaço utilizado para a legitimação das normas sociais.

1.2 A Indisciplina e a Instituição Escolar

O crescente número de casos que ocorrem dentro do espaço escolar envolvendo atos de violência, torna-se cada vez mais evidentes e indicam a necessidade de discussão e maior reflexão sobre o tema. Chrispino (2007) aponta a repetição destes acontecimentos em diversas partes do país, expondo a dificuldade brasileira pela qual já passaram outros países.

Ainda segundo este mesmo autor, algumas pesquisas estão sendo desenvolvidas e demonstram a tentativa de reunir mais informações sobre o problema e futuras alternativas de solução.

A maioria dos educadores não sabe ao certo como interpretar e / ou administrar o ato indisciplinado. Não apenas educadores enfrentam essa dificuldade, mas também, diretores e os próprios pais. A indisciplina escolar transforma-se cada vez mais em uma mistura de significados e valores, o que muitas vezes, dificulta o seu entendimento.

A indisciplina torna-se objeto de preocupação para todos os membros da instituição escolar (diretores, professores, coordenadores, supervisores, entre outros). O processo de ensino-aprendizagem esbarra-se, constantemente, na problemática da

violência dos relacionamentos conflituosos entre os jovens e seus professores. Dentro da escola a convivência entre grupos diferentes que esperam determinados comportamentos em relação ao outro provocam conflitos e confrontos.

De acordo com Chrispino (2007), a palavra conflito pode ser conceituada como toda forma de opinião divergente, sendo parte integrante da vida e da atividade social.

No passado, a escola, recebia um tipo de aluno padronizado, com perfil muito próximo. Com a abertura da escola para todos, os alunos que passaram a frequentá-la, possuíam expectativas e vivências diferentes, porém a escola continuou sendo a mesma. Dessa maneira, esse espaço tornou-se lugar de encontro entre diferentes conflitos, que quando não trabalhados, poderiam gerar a violência. As regras estabelecidas pela escola continuaram sendo as mesmas, apesar da mudança de seu alunado.

Chrispino (2007), através de uma pesquisa realizada com jovens ressaltou que:

...o jovem identifica na violência o maior problema da sociedade atual, superando, inclusive, o desemprego; que a escola ocupa o segundo lugar entre as instituições importantes para o desenho do seu futuro, perdendo apenas para a família; professores e escolas são as duas “instituições” que encabeçam a lista de confiança com altos índices percentuais; os jovens, diferentemente do que diz o senso comum, solicitam os limites próprios à juventude e julgam que a disciplina rígida, juntamente com criatividade e diálogo fazem parte da boa escola, para desespero de gestores e docentes que defendem o “vai-levando” ou o laissez-faire, certamente pela lei de menor esforço, já que o salário é o mesmo no final do mês. (Chrispino, 2007 p.15)

Dessa forma, o autor constatou que os jovens ainda crêem na educação e encaram a escola como um instrumento que possibilita a transformação social.

A sociedade elabora punições a seus membros de acordo com as regras e leis elaboradas pelos próprios agentes que a compõem. Na escola as sanções também são aplicadas não se perdendo de vista as regras existentes nessa instituição. Assim, os diretores, diante da autoridade fornecida pelo cargo que ocupam, aplicam punições àqueles que desobedecem as regras.

Antigamente, a escola, advertia os atos indisciplinados através de sanções verbais e até mesmo físicas. Atualmente, as sanções verbais utilizadas pela equipe gestora e professores não apresentaram mudanças de hábitos e atitudes nos alunos.

As relações que se estabelecem entre alunos, professores e diretores, por vezes, passam por períodos conflituosos. Segundo Silva,

...o termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização... (Silva, 2004 p.21)

Para a escola, isso significa que todas as vezes que os alunos não obedecem às regras, eles são vistos como indisciplinados e, portanto, devem sofrer as punições estabelecidas pela instituição escolar. Isso demonstra que sempre que nos deparamos com um conflito, tentamos resolvê-lo através de punições e não entendê-los para que não se repitam mais.

De acordo com Michel Maffesoli (apud GUIMARÃES, 2005, p.7), a violência como uma das formas das relações humanas leva em consideração todo o dinamismo social e, portanto orienta uma diversidade de idéias e sentimentos que fazem parte da vida em sociedade.

Atualmente é possível perceber a existência de vários grupos que se reúnem através das semelhanças que apresentam entre seus ideais, formando uma grande mistura de desejos e intenções que devem se adequar ao controle das regras sociais. E quando negada ou reprimida, a violência, pode explodir através de diversas manifestações.

Segundo Aquino (1998), a sociedade vive uma crise que pode ser reconhecida em diversos setores, incluindo a educação. A percepção de existência de uma crise na educação torna-se de fácil diagnóstico, porém é difícil confirmar a sua extensão e as razões de sua existência.

Frequentemente os alunos da Educação Básica não concluem satisfatoriamente todos os ciclos de estudo, o que pode ser confirmado pelos números cada vez maiores da evasão escolar e da repetência.

Este certamente é o maior problema enfrentado pela escola brasileira nos dias de hoje, e que dá ao Brasil um lugar bastante desconcertante quando em comparação com os outros países...Mais ainda, quando se investiga a qualidade do ensino ministrado entre aqueles que permaneceram na escola, o quadro não é menos desolador. A esse último efeito temos chamado de "fracasso dos incluídos". (AQUINO, 1998, p.1)

Os dados são alarmantes e confirmam a problemática por qual vem passando a educação. Sem a escola diminui as possibilidades de o cidadão ter acesso aos seus direitos garantidos por lei, pois quanto menor o grau de instrução, menores são as suas chances de acesso para todas as oportunidades que o mundo oferece. A falta de informação sobre vários aspectos limita o indivíduo de conseguir ampliar o seu nível de

conhecimento e de se preparar para as exigências que o mundo atual necessita. Aquino (1998), afirma que a imagem social da escola está ameaçada e quando isso acontece perde-se toda a credibilidade, inclusive na intervenção escolar.

Ainda segundo o mesmo autor, ao se estudar mais profundamente as razões dessa situação é comum se deparar com a figura do “aluno-problema”.

O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos “distúrbios psico/pedagógicos”; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais distúrbios de aprendizagem) ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de “indisciplinadas”. (AQUINO, 1998, p.2)

Dessa maneira a indisciplina e o menor aproveitamento dos alunos seriam os motivos fundamentais para a existência do fracasso escolar e os principais obstáculos para o trabalho docente. Assim toda dificuldade encontrada no ambiente escolar estaria relacionada única e exclusivamente com as características apresentadas pelos alunos, não tendo relação com o tipo de intervenção pedagógica empregada.

Diante deste quadro a escola tenta encontrar explicações e argumentos para justificar o que acontece na atualidade quando o assunto é o relacionamento entre alunos, professores e a equipe gestora.

De acordo com Aquino (1998), a primeira explicação encontrada pela escola e comumente ouvida dos educadores é que os alunos de hoje não são mais respeitadores como os de antigamente. O fato é que a escola do passado não era aberta para todos, sendo extremamente seletiva, atendendo somente uma pequena parcela rica da população. Posteriormente, o acesso se tornou possível para todos, mas o desafio agora é o de fazer com que as crianças permaneçam numa escola de qualidade.

Antigamente o respeito era fruto de um autoritarismo em que os professores podiam utilizar desde um vocabulário mais agressivo ao se referir ao aluno, como os próprios castigos físicos. Hoje, esse respeito advém da autoridade do profissional docente, que não pode mais acontecer através do medo da punição.

Outra explicação é que os alunos atualmente não têm limites, devido à falta dos pais no processo de educação e construção das regras e limites às crianças. É muito comum ouvir de professores e funcionários da escola que os pais hoje em dia são permissivos e até mesmo despreparados.

Além disso, uma terceira explicação para a existência da indisciplina nas escolas fala sobre o aluno desinteressado. Para os alunos, a escola já não é mais tão interessante devido à atração exercida por outros meios de comunicação, como a televisão e o computador.

De acordo com Aquino (1998), torna-se necessário distinguir a mídia e a escola, pois enquanto a primeira tem como função primordial difundir a informação, a segunda deve ter como objetivo principal a reapropriação do conhecimento acumulado em certos campos do conhecimento (disciplinas de um currículo).

Na escola não se transmite apenas as informações, mas ensina-se além do que elas realmente querem dizer. Os meios de comunicação podem repassar as informações como uma forma de entretenimento; na escola, ao contrário, o trabalho é árduo, mas não precisa ser encarado como uma tarefa menos prazerosa e significativa.

Aquino ressalta que:

... essas três explicações da questão disciplinar não se sustentam por completo, elas estão apoiadas em algumas evidências equivocadas e em alguns pseudo-conceitos (como a visão romanceada de antigamente, a moralização deficitária por parte dos pais, além da idéia do conhecimento escolar como algo ultrapassado e desestimulante); a segunda razão é que, de uma forma ou de outra, elas acabam isolando a indisciplina como um problema individual e anterior do aluno, quando, ao contrário, o ato indisciplinado revela algo sobre as relações institucionais-escolares nos dias atuais; a terceira razão se deve ao fato de que as três hipóteses esquivam-se de levar em consideração a sala de aula, a relação professor-aluno e as questões estritamente pedagógicas. Elas esboçam razões para a indisciplina, mas não apontam caminhos concretos para sua superação ou administração. (AQUINO, 1998, p.11 e 12)

Dessa maneira essas explicações consideram que a disciplina é um pré-requisito para a ação pedagógica, quando na realidade é construída no trabalho cotidiano da sala de aula.

A indisciplina seria um indício de que a intervenção do professor não foi adequada ou que não conseguiu se realizar de uma forma em que seus resultados se aproximassem do esperado.

Segundo Aquino (1998), é muito importante lembrar que o aluno considerado problema não é necessariamente portador de um distúrbio, a indisciplina pode ser um indício da falta de uma maior compreensão das relações estabelecidas dentro da sala de aula. Além disso, é preciso abandonar a imagem de um aluno ideal e trabalhar com

a realidade atual. O professor deve ter em mente qual é o objeto de seu trabalho, ou seja, o conhecimento, para que o aluno também consiga enxergar com clareza qual é a sua tarefa. Outro fato é que não se deve esquecer que a sala de aula é um laboratório e, portanto podem-se realizar nela várias experimentações, aliando sempre competência e prazer.

Ainda é importante destacar que:

... para reverter essa ordem de coisas talvez seja necessário repensar nossos posicionamentos, rever algumas supostas verdades que, em vez de nos auxiliar, acabam sendo armadilhas que apenas justificam o fracasso escolar, mas não conseguem alterar os rumos e os efeitos do nosso trabalho cotidiano. (AQUINO, 1998, p. 3)

De acordo com Eccheli (2008), a motivação nas atividades de ensino é importante e cada vez mais vem sendo destacada por psicólogos e pedagogos como uma maneira de aperfeiçoar o trabalho pedagógico, levando-se em consideração as características individuais do grupo de alunos. Dentro dessa perspectiva a indisciplina está relacionada com a ausência de motivação dentro das escolas.

Porém, é um grande desafio para os educadores conseguir que os alunos se sintam motivados e também se torna importante lembrar que nem sempre o silêncio é sinal de concentração e aprendizado, pois o aluno aprende participando ativamente da atividade, interagindo através da troca de idéias e opiniões com os colegas.

O aprendizado passa a ser valorizado e encarado como um processo que gera satisfação à medida que novos conhecimentos são adquiridos, ou seja, o aluno é motivado a superar seus limites ou atingir seus objetivos pessoais. E, dentro desse esquema surgem atitudes de respeito entre professores e alunos.

Diante do quadro apresentado, algumas considerações serão realizadas e as escolas do município de Rio Claro não fogem à regra da condição brasileira e apresentam muitos conflitos que geram altos índices de indisciplina. A escola utilizada para esta pesquisa encontra-se localizada na periferia do Município e como muitas outras instituições, apresenta problemas com os conflitos criados pelos grupos diferentes que a frequentam.

CAPÍTULO 2 - A identificação da Unidade Escolar

2.1 Caracterização da escola e sua região

Esta pesquisa foi realizada na escola municipal “Sérgio Hernani Fittipaldi” localizada na periferia da cidade de Rio Claro, na avenida M – 53, nº. 2513, no bairro Jardim das Flores. Ela foi inaugurada no dia 16 de dezembro de 2004.

O bairro em que a escola se encontra possui asfalto, água encanada, luz elétrica e os moradores podem contar com os serviços de um supermercado, de pequenas mercearias e padarias, de lojas com artigos variados (como roupas e papelaria), com ônibus coletivo, inúmeros bares e um posto de saúde que atende somente os moradores do Jardim das Flores.

De acordo com as informações obtidas com o diretor da escola, o bairro é um pouco violento devido ao crescente número de usuários de drogas presentes no local. Infelizmente, a escola já vem sofrendo com algumas depredações, como recentes pichações que apareceram na parede de uma das salas de aula e uma tentativa de assalto que deixou algumas grades e vidros quebrados. Apesar de a escola ser considerada pela maioria dos moradores como um grande ganho, para alguns ela não é devidamente valorizada.

Os dados abaixo foram retirados do Plano de Trabalho da escola do ano de 2009.

Em sua maioria, o bairro é formado por migrantes nordestinos que moram em casas alugadas, próprias ou cedidas.

Os alunos que frequentam a escola moram no próprio bairro (Jardim das Flores) e em bairros vizinhos: Jardim Progresso, Jardim Santa Maria, Jardim São José e Jardim Boa Vista.

A Unidade Escolar atende crianças, jovens e adultos de 06 a 76 anos de idade, com atividades específicas para as fases de desenvolvimento de cada faixa etária e são organizadas das seguintes formas:

- Ensino Fundamental de oito anos (em extinção) atende alunos de 3ª e 4ª série.

- Ensino Fundamental de nove anos implantado na rede Municipal de Ensino de Rio Claro, a partir de 2008, atende alunos de 1º e 2º anos, de acordo com a Deliberação do COMERC 001/2007 e Resolução da Secretaria Municipal da Educação 011/2007 de 01/10/2007.

- Educação de Jovens e Adultos Ciclos I e II – Termos I a IV (referentes à 1ª a 4ª série).

- Educação de Jovens e Adultos Ciclo II – 5ª a 8ª série.

No período da manhã e da tarde funcionam as classes do 1º ano a 4ª série, respectivamente, nos seguintes horários: das 07h00 às 11h30min e das 13h00 às 17h30min. O período da noite atende os alunos da Educação de Jovens e Adultos, das 19h00 às 21h30min (EJA I) e das 19h00 às 22h00 (EJA II). A escola possui 535 alunos matriculados no ensino regular do 1º ano a 4ª série e 233 alunos matriculados na EJA I e EJA II, totalizando 768 alunos.

Essa escola possui uma biblioteca que também funciona como sala de vídeo, um refeitório, uma sala para o diretor, uma sala para as coordenadoras, uma secretaria que é ocupada pelos escriturários, uma sala para as vice-diretoras, uma sala de café, três banheiros para uso dos professores e funcionários, um almoxarifado, dois banheiros para os alunos (um para as meninas e outro para os meninos, contendo alguns sanitários), dez salas de aula (quatro delas foram construídas recentemente), uma sala utilizada para o reforço escolar, uma quadra com banheiros (que por enquanto encontram-se desativados aguardando a manutenção) e uma sala de recurso (utilizada por uma professora de Educação Especial).

A unidade Educacional conta com uma equipe de vinte docentes de ensino fundamental regular, sendo quinze efetivos e cinco contratados, além de dois docentes efetivos na área de Educação Física.

Na EJA I – Educação de Jovens e Adultos – compõe seu quadro com três PEB I (professores da Educação Básica) nos ciclos I e II; e a EJA II conta com sete PEB II especialistas.

O diagnóstico de formação do corpo docente da Unidade Educacional apresenta o seguinte panorama: com relação à formação acadêmica, encontramos 18% de PEB I com pós-graduação, mestrado ou doutorado, 37% dos PEB I possuem Ensino Superior em Pedagogia, 2% dos PEB I possuem Ensino Médio com habilitação para o Magistério, mas estão cursando Pedagogia e 2% dos demais docentes possuem apenas Ensino Médio com habilitação para o Magistério.

A escola ainda conta com treze funcionários que ocupam os cargos de faxineira, ajudante de serviços gerais, escriturário, inspetora e cozinheira.

De acordo com o diretor já existe um projeto para a ampliação da escola, com a construção de mais salas de aula, pois o número de vagas disponíveis está inferior à quantidade solicitada de matrículas. Essa realidade faz com que as classes apresentem um maior número de alunos em comparação a outras escolas municipais, ou obriga os pais a matricularem seus filhos em unidades educacionais mais distantes de suas residências.

2.2 O perfil dos entrevistados

Foram entrevistadas cinco professoras que trabalham nas quartas séries da escola pesquisada e atuam na rede pública de Rio Claro, sendo que uma também leciona em uma universidade particular localizada no mesmo município.

Três professoras já possuem o curso de Pedagogia e outras duas estão cursando. Uma das entrevistadas ainda possui formação em Letras (Português e Inglês); outra apresenta o mestrado em educação e frequenta o doutorado nessa mesma área.

Com relação ao tempo de trabalho no magistério, foi identificado o que consta na tabela 1, a seguir.

Tabela 1

Distribuição das professoras pelo tempo de serviço no magistério

Tempo de serviço no magistério	Número de professores
Menos de 5 anos	3
De 6 a 10 anos	2

Com relação ao tempo de serviço na unidade escolar pesquisada, foi identificado o que consta na tabela 2, a seguir.

Tabela 2

Distribuição das professoras pelo tempo de serviço na unidade escolar

Tempo de serviço na unidade escolar	Número de professores
8 meses	3
1 ano	1
2 anos	1

De acordo com os dados, as características das professoras entrevistadas são: a maioria possui até cinco anos de experiência no magistério, enquanto duas apresentam até dez. Também é possível identificar que, levando-se em consideração o tempo de fundação da escola (5 anos), todas apresentam poucos anos de trabalho nesta unidade escolar.

Os alunos entrevistados foram escolhidos por suas professoras, tendo como critério a indicação feita, por elas mesmas, de dois alunos considerados disciplinados e outros dois indisciplinados. As crianças têm entre nove a doze anos.

A conselheira tutelar, inicialmente, se formou no Magistério, posteriormente em Direito com pós-graduação em Direito Público e, atualmente frequenta o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Atua nessa função há seis anos.

As vice-diretoras possuem Licenciatura Plena em Pedagogia, sendo que uma delas apresenta uma Pós-Graduação em Gestão Educacional. Ambas apresentam cinco anos de trabalho na unidade escolar pesquisada e de treze a quinze anos de atuação no magistério. Elas trabalham na escola desde a sua inauguração, inicialmente como professoras e após o convite do diretor como vice-diretoras.

O diretor possui uma graduação no curso de Letras (Português e Inglês) e uma especialização em Direito Educacional. Apresenta vinte e sete anos de atuação no magistério, como professor do Estado e há dois anos trabalha na escola pesquisada. Ele divide sua carga horária de trabalho entre as aulas que tem no Estado e o cargo de diretor escolar lotado na Secretaria Municipal de Rio Claro.

2.3O que pensam os profissionais da educação sobre a indisciplina

A maioria dos entrevistados¹ acredita que os principais problemas enfrentados na escola estão relacionados à dificuldade de aprendizagem e ao comportamento apresentado por vários alunos. Além disso, também foram indicados como problemas presentes na escola a ausência de organização administrativa e estabelecimento de papéis da equipe escolar; a presença de alunos com necessidades especiais, pois não existem muitas orientações de como trabalhar mais adequadamente com eles; e a falta de interesse por parte dos alunos e dos pais que não participam como deveriam da vida escolar dos seus filhos.

¹ Para identificar os entrevistados serão utilizadas as seguintes nomenclaturas: professora (P), diretor (D), vice-diretora (VD), conselheira tutelar (CT) e aluno (A).

P. 1 – Creio eu que os problemas estejam relacionados ao comportamento de certas crianças.

P. 2 – Eu acredito que seja o comportamento de algumas crianças.

P. 3 – Defasagem na aprendizagem (alunos na 4ª série que não sabem ler e escrever), problemas emocionais, reflexos da história de vida.

P. 4 – Organização administrativa e estabelecimento de papéis da equipe escolar.

P. 5 – Falta de interesse por parte dos alunos e também dos pais (ausência de condições para uma educação adequada).

D. – Crianças com necessidades especiais; dificuldade de aprendizagem.

VD. 1 – Grande número de alunos com dificuldade de aprendizagem e / ou aluno com necessidade educacional especial onde estamos aprendendo juntos como trabalhar para garantir um espaço justo de desenvolvimento para esses alunos. (...)

Uma entrevistada acredita que não existem problemas de indisciplina:

VD. 2 – Neste ano não temos “problemas” de indisciplina nesta escola, pois creio que os conflitos vivenciados são decorrentes das diferenças culturais e sócio educativas das crianças.

É possível constatar que as situações envolvendo a indisciplina foram muito mencionadas e, decorrente disso, surgem os problemas com dificuldade de aprendizagem. Ambos estão relacionados, pois é frequente observar que vários alunos considerados indisciplinados também apresentam defasagem no aprendizado. De acordo com Aquino (1998), o aluno tido como problema, geralmente, sofre de supostos distúrbios cognitivos e comportamentais, fazendo com que a indisciplina e o baixo aproveitamento andem lado a lado e representem os dois maiores incômodos da escola contemporânea. Assim, segundo o mesmo autor, é possível ouvir no meio escolar que se o aluno aprende é porque o professor ensina e, se ele não aprende é porque não quer ou apresenta algum distúrbio de carência ou de pré-requisito.

Com relação à opinião sobre o conceito de indisciplina que cada entrevistado possui, verifica-se que a maioria acredita que a indisciplina seja a não aceitação das regras por parte dos alunos.

P. 2 – Indisciplina é um ato que a criança (pessoa) tem que atrapalha seu convívio com outras pessoas. Falta de ordem.

P. 5 – São situações que perturbam o andamento da sala de aula, atitude de desrespeito, o não cumprimento de regras, falta de limites.²

V.D. 1 – Falta de tato e respeito social.

V.D. 2 – A não aceitação das regras construídas coletivamente que regulam o convívio social.

D. – Falta de adaptação à convivência , não integraliza corretamente.

Pode-se perceber que os entrevistados associam o conceito de indisciplina com a não aceitação das regras sociais, dificultando dessa forma o convívio entre pessoas diferentes. Além disso, segundo as respostas obtidas, esses comportamentos considerados indisciplinados interferem no desenvolvimento de novas aprendizagens, tanto ao aluno indisciplinado, como para o restante do grupo.

Foucault (1987) quando analisa a disciplina no decorrer dos séculos XVII e XVIII constata que através dela é possível o controle de diferentes corpos com a utilização de regras dentro de um espaço que seja comum a todos os envolvidos. Dessa forma a disciplina completa um aparelho eficiente de controle dos comportamentos dos indivíduos e qualquer ato caracterizado como fora dos padrões disciplinares, que atrapalhe a manutenção da ordem, é considerado indisciplinado. A disciplina aumenta a capacidade do corpo em obedecer às regras impostas, limitando rigorosamente o espaço do que é permitido ou não fazer.

As outras entrevistadas acreditam que a indisciplina esteja associada a brincadeiras que podem ser motivadas pela falta de interesse do educando, ocasionando problemas de aprendizado.

P. 1 – Indisciplina é todo e qualquer comportamento que gere a desatenção, a apatia, a brincadeira, ou seja, que venha a atrapalhar a aprendizagem.

P. 3 – Comportamento destoante do grupo que interfere no seu desenvolvimento e no do outro, que pode até ser um comportamento apático.

P. 4 – Conduta motivada por uma série de fatores, podendo ser resultado de desinteresse e / ou desmotivação.

² Perguntas feitas às professoras: 1-Cargo. 2-Formação Acadêmica. 3-Série em que trabalha. 4-Tempo de atuação no magistério. 5-Há quanto tempo trabalha nesta unidade escolar? 6-Quais são os principais problemas enfrentados nesta escola? 7-Para você o que é indisciplina? 8-Você tem problemas de indisciplina na sua sala de aula? Exemplifique alguns destes atos indisciplinados. 9-Em sua opinião, que fatores poderiam contribuir para o surgimento desses comportamentos? 10-Que tipos de práticas disciplinares são aplicadas pela escola para tentar conter os atos indisciplinados?

De acordo com Eccheli (2008) a motivação é um processo em que parte-se do princípio que exista uma necessidade que desencadeia uma ação. Assim, ela se torna um importante método que possibilita o respeito às características individuais do grupo. Segundo a autora, a indisciplina presente no cotidiano das escolas brasileiras pode sinalizar a ausência de motivação dos alunos diante dos conteúdos trabalhados, ou das metodologias utilizadas, ou até mesmo das dificuldades na relação entre professores e alunos.

Autoridade e respeito são atitudes que implicam em mútua aceitação entre professores e alunos, necessária não só para o bom rendimento do trabalho escolar, mas também, e principalmente, para o desenvolvimento da disciplina internalizada dos alunos. Muitas vezes, a motivação dos alunos para se empenharem em atividades escolares e se conscientizarem de que a disciplina é um processo coletivo necessário para o desenvolvimento de um trabalho em grupo harmônico e produtivo, não depende somente do professor alterar a metodologia adotada ou definir regras de boa convivência. É preciso, também, tentar modificar o vínculo docente-aluno, a fim de promover a transformação do espaço educativo em espaço de confiança e aprendizagem. (ECCHELI, 2008, p.8)

Também foi perguntado as professoras se existem problemas de indisciplina nas classes com que trabalham esse ano, posteriormente solicitou-se que dessem alguns exemplos destes atos indisciplinados.

P. 1 – O que ocorre na minha sala é muita conversa, às vezes, brigam, discutem e acabam atrapalhando o processo de aprendizagem.

P. 2 – Os meus alunos são agitados, às vezes, brigam e discutem na sala, mas consigo trabalhar, não tenho problemas sérios de comportamento em minha sala.

P. 3 – No começo do ano alguns alunos apresentavam um comportamento que “sugeriu” ser indisciplina, mas quando se sentiram aceitos pelo grupo, como parte ativa, isso foi se dissipando.

P. 4 – Não considero os problemas de minha sala como fatos de indisciplina.

P. 5 – Sim. Falta de limites; falta de educação; alunos violentos (resolvem tudo com a violência).

Novamente algumas atitudes de indisciplina como as brigas, a intolerância surgem como obstáculos para a convivência e aprendizado dos alunos, evidenciando comportamentos considerados pelas análises de Foucault (1987) como fora dos

padrões de normalidade, pois um corpo disciplinado faz surgir à eficácia na obediência as regras e leis impostas por um governo ou uma instituição.

Diante deste quadro foi perguntado às professoras, diretor e vice-diretoras quais seriam os fatores que contribuiriam para o surgimento desses comportamentos.

P. 1 – Falta de limite em casa, muitos pais acabam ficando com dó quando o filho leva um bilhete, uma advertência e “passam” a mão na cabeça da criança. Faltam apoio e diálogo de alguns pais, não de todos é claro.

P. 2 – Acredito que a falta de diálogo em casa, muitas vezes os pais trabalham e as crianças acabam ficando na rua.

P. 3 – Acho que podem ser fatores diversos, mas na minha turma penso que são de ordem afetiva, relacionados ao contexto sócio-econômico e cultural.

P. 4 – Como já mencionei a indisciplina é resultado de uma série de fatores que devem ser procurados e trabalhados juntos como escola, família, aluno e professor.

P. 5 – Problemas familiares; carências sociais; baixo rendimento escolar.

D. – Relacionamento familiar (estrutura); ajuda familiar (controle de TV e videogame).

V.D. 1 – A pessoa que percebe o mundo centrado em si, que faz o que quer na hora que quer não observando o quanto pode ferir o seu próximo.

V.D. 2 – Com a minha vivência posso afirmar que a maioria do comportamento inadequado está relacionada com a ausência de regras na família, ou mesmo o censo comum que cria o estereótipo de que os pais precisam ser “amigos” dos filhos e estes por insegurança não assumirem o papel que lhes cabem na constituição familiar.³

Em sua maioria, os entrevistados atribuem à família grande parcela de culpa no surgimento de comportamentos considerados indisciplinados, pois alegam que é função desta instituição dar limites e estabelecer regras para que seus filhos possam viver em sociedade. Também consideram que no contexto atual, devido ao trabalho dos pais, muitos tentam suprir sua ausência de outras maneiras e se esquecem de dar uma atenção maior e melhor aos seus filhos, esquecendo de cumprir seus papéis.

Aquino (1998) ressalta a hipótese muito utilizada pela escola em supor que as

³ Perguntas feitas ao diretor e às vice-diretoras: 1-Cargo exercido. 2-Formação Acadêmica. 3-Tempo de atuação no magistério. 4-Há quanto tempo trabalha nesta unidade escolar? 5-Quais são os principais problemas enfrentados nesta escola? 6-Para você o que é indisciplina? 7-Em sua opinião, que fatores poderiam contribuir para o surgimento desses comportamentos? 8-Que tipos de práticas disciplinares são aplicadas pela escola para tentar conter os atos indisciplinados?

crianças atualmente não têm mais respeito e limite, pois os pais contemporâneos não conseguem fazer com que seus filhos reconheçam sua autoridade. Tal fato, segundo a escola, possibilita que a criança considerada mal-educada em casa se torne um aluno indisciplinado, o que nem sempre acontece. O autor ainda ressalta que os mesmos alunos considerados indisciplinados com alguns professores podem ser bastante colaboradores com outros.

Por último foi perguntado que tipos de práticas disciplinares são aplicadas pela escola para tentar conter os atos indisciplinados.

P. 1 – As crianças são levadas para conversarem com a coordenadora, e através do diálogo dela e meu como professora, tentamos amenizar alguns problemas já citados que levam à indisciplina.

P. 2 – Nossa direção está sendo rígida nesse ponto. As crianças estão sendo orientadas a não correr pela escola, não gritar pelos corredores, etc.

P. 3 – Não acredito em sanções do tipo castigo, faço prática de conversas e aproximação para tentar entender melhor a situação e negociação de regras com o aluno, que com certeza terá sugestões para ajudar à mudança do respectivo quadro.

P. 4 – As que menos surtem resultado: castigos como cópias, privação de recreio e de Educação Física, comunicação com os pais entre outros. Se a escola perceber o problema como escolar e não apenas de uma sala ou de um professor e trabalhar coletivamente na construção de regras por meio de assembleias os resultados podem ser diferentes.

P. 5 – Conversa com os pais e com os alunos; advertência e suspensão (casos mais sérios).

D. – Tenta compreender o porque de certos comportamentos da criança e busca apoio e acompanhamento da família; tenta conscientizar das atitudes erradas para corrigi-las.

V.D. 1 – Neste momento a escola utiliza-se, ainda, de sanções unilaterais, porém há necessidade de enquanto grupo buscarmos meios para o desenvolvimento moral, onde evolução, assunção de papéis, com mais compreensão pelos sentimentos dos outros, maior solidariedade e enquanto grupo, mais tolerantes.

V.D. 2 – Conversa com a criança, com os pais, advertência verbal e escrita e em último caso consta no regimento escolar à suspensão.

De acordo com Foucault (1987) o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios, sendo, portanto, um corretivo aos comportamentos considerados inadequados. Dessa forma, a indisciplina estando associada a um sistema em que se gratifica ou se aplica uma determinada sanção de acordo com uma atitude torna-se um processo de treinamento e gratificação. A existência de técnicas que assumem como

tarefa medir, controlar e corrigir as ações tidas como anormais faz funcionar os dispositivos disciplinares empregados nas instituições, inclusive, na escola.

Ainda segundo Foucault (1987), a disciplina pode ser entendida como um tipo de poder que através de suas técnicas integra-se a instituições, aumentando a eficácia de controle no interior desses lugares. A disciplina garante a submissão das forças e dos corpos, através do medo das punições empregadas aqueles que violam alguma regra.

A punição como forma de contenção aos atos considerados indisciplinados institui um grande poder àqueles que têm em suas mãos a decisão do que será feito para corrigir um determinado ato. Além disso, ela pode servir como mecanismo de repressão a futuros acontecimentos semelhantes aos punidos anteriormente. É uma maneira de mostrar aos outros que todos estão sendo observados, vigiados e que a qualquer movimentação estranha ao que já foi preestabelecido por quem manda, medidas punitivas serão aplicadas visando sempre a manutenção da ordem, da disciplina. Portanto, serve para concretizar as regras estabelecidas pela instituição.

À Conselheira Tutelar foi perguntado, respectivamente, quais são os casos que frequentemente as escolas encaminham ao Conselho Tutelar e que tipos de casos realmente deveriam ser encaminhados para este órgão.

C.T. – Repetição de faltas injustificadas e evasão escolar.

- Maus tratos envolvendo os alunos; repetição de faltas injustificadas; evasão escolar, esgotados os recursos escolares. Em geral, o Conselho Tutelar deve ser acionado, quando direitos forem ameaçados ou violados.

De acordo com a Conselheira Tutelar os casos que são encaminhados ao Conselho Tutelar estão de acordo com a responsabilidade deste órgão, isto é, as escolas enviam as situações que realmente fazem parte do cotidiano de atendimento dos conselheiros tutelares e, frequentemente eles são acionados quando há o excesso de faltas sem justificativa, seguido de uma provável evasão escolar.

É possível perceber que os atos considerados prejudiciais ao desenvolvimento do aluno são enviados para esse órgão que tem como objetivo proteger os direitos das crianças e punir os responsáveis pelo possível abandono do bem estar das mesmas. Geralmente, os pais são comunicados da situação pelo Conselho Tutelar e obrigados a tomar as devidas providências para que o menor volte à escola (em caso de faltas sequenciais, ou até mesmo de evasão escolar), podendo a família receber as punições previstas na lei caso descumpram com a determinação que lhe foi feita.

2.4 O que pensam os alunos das quartas séries sobre o conceito de indisciplina

A maioria dos alunos entrevistados ⁴ (nove alunos) acredita que o principal problema da escola em que estudam esteja relacionado com as brigas, a bagunça e a desobediência às professoras.

A.1 – Ah, mais o aluno que tem lá na minha classe arruma um pouco de confusão, mas não muita.

A.2 – Quase nenhum, mas tem muita briga.

A.4 – Sim. As brigas.

A.6 – Sim. Bagunça.

A.9 – Alguns. É... Tipo os alunos bagunceiros.

A.15 – Tem. Ah... Eles bagunçam muito, não obedecem à professora.

A.16 – Bastante. Tem criança sem educação, tem criança que grita com a professora.

A.18 – Sim. É... Muita violência e briga.

A.19 – Sim. É... As crianças batem muito uma na outra e se machucam muito.

Neste caso os alunos consideram que a escola apresenta alguns dos problemas que estão presentes, atualmente, no cotidiano das escolas brasileiras e apontam características da indisciplina escolar e suas implicações na prática pedagógica. Segundo Chrispino (2007), o medo da violência nas escolas tem aumentado tanto entre os pais, como entre os jovens aqui no Brasil, pois além das expectativas que os estudantes têm de ascensão por meio da educação, hoje em dia eles também demonstram preocupação com as dificuldades encontradas por conta da violência que adentra cada vez mais nas escolas.

Os relatos evidenciam a presença de atitudes supostamente desencadeadas por conflitos gerados devido ao desentendimento entre os próprios alunos. Chrispino (2007), ressalta que:

O conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes. (CHRISPINO, 2007, p.16)

⁴ Perguntas feitas aos alunos: 1-Qual é a sua idade? 2-Em que série você estuda? 3- Em sua opinião existem muitos problemas nesta escola? 4-Que tipos de problemas? 5- Para você o que é indisciplina? 6- Na sua classe existem muitos problemas de indisciplina? 7-Que tipos de problemas com indisciplina? 8-Dê outros exemplos de atos indisciplinados. 9-O que você acha que poderia ser feito para punir os atos indisciplinados?

Existe uma grande dificuldade nas escolas em identificar os motivos que ocasionam determinado tipo de conflito. Dessa forma, o conflito somente é percebido quando este produz manifestações violentas. Para Chrispino (2007), o conflito se manifesta de forma violenta na escola quando não é identificado no momento em que aparece na forma de divergências entre indivíduos e, porque quando manifestado, tenta-se reprimir sua manifestação, esquecendo-se que assuntos mal resolvidos tendem a se repetir.

Um aluno indicou como principal problema a questão das invasões que a escola vem enfrentando durante os finais de semana. Tal fato provocou o aparecimento de inúmeras depredações no prédio escolar, além da sujeira provocada pelos indivíduos que a invadem. Para Fukui (1992) esses atos de destruição de instituições públicas relacionam-se a ausência de divulgação dos custos e prejuízos causados por essas depredações, que são custeados pela própria população e impossibilitam o emprego desse dinheiro em outras benfeitorias.

A.5 – Existe. Pular na escola de sábado e domingo.

Dois alunos confirmam que existem problemas na escola em que estudam, porém não conseguem identificá-lo.

A.10 – Existe. Hum... Não sei.

A.13 – Ai... Não sei.

Oito alunos dos que foram entrevistados ainda consideram que a escola não apresenta problemas.

A.3 – Não.

A.7 – Não.

A.8 – Não.

A.11 – Não.

A.12 – Não.

A.14 – Não.

A.17 – Não.

A.20 – Nem tantos...

Com relação ao conceito de indisciplina quinze alunos associam o termo a bagunça, as brigas e a desobediência.

A.3 – É falta de obediência.

- A.5** - Quando tem bagunça.
A.6 – É bagunça.
A.7 – Bagunça.
A.8 – É... Briga essas coisas que não pode fazer na aula.
A.9 – Fazer bagunça, não obedecer os mais velhos.
A.10 – Bagunça.
A.11 – Bagunça.
A.12 – Bagunça.
A.13 – Desrespeitar a professora.
A.14 – É não saber respeitar a professora, os diretores, as monitoras.
A.15 – A... Muita bagunça.
A.16 – A... É a falta de respeito, é desobedecer.
A.17 – A indisciplina para mim é uma pessoa que não... Tipo assim... Ele não... Tipo assim... (*risos*) Ele chega lá, vai lá e responde para a professora. Essas coisas assim...
A.18 – É... Assim... Violência, só coisas assim...
A.19 – Não se comportar.
A.20 – Indisciplina é não ser educado, desobedecer os pais, os colegas.

Esses alunos apontam para a mais comum das manifestações de indisciplina que aparece na escola: a bagunça e o desrespeito. Ambos caracterizam um tipo de comportamento que se amplia significativamente e revelam, muitas vezes, que podem ser evidenciados através dos xingamentos e agressões físicas entre os alunos.

Segundo Foucault (1982), a disciplina é portadora de um discurso em que às regras são naturais e não impostas, dando a entender que existem somente para a normalização de atitudes e comportamentos. Assim, todas as manifestações descritas pelos alunos, apontam para a ausência dessas ações ditas como normais à convivência entre pessoas diferentes que estão reunidas em um espaço em comum. A disciplina se constitui em um conjunto de regras e leis, composto também pelo poder de quem controla a manutenção da ordem para que a mesma se perpetue.

... as filas, o pátio, o uniforme, os cânticos, e particularmente a relação de medo e coação que tínhamos com as figuras escolares (que descuidadamente nomeamos hoje como de respeito), revelavam um espírito fortemente hierarquizado / hierarquizante da época, desenhando os contornos das relações institucionais. (AQUINO, 1998, p. 4)

Dessa maneira, Aquino destaca o poder da disciplina em conseguir um comportamento adestrado e passível de manipulação de acordo com os objetivos daqueles que mandam.

Dois dos alunos entrevistados relacionam o termo indisciplina com as drogas.

A.2 – Indisciplina? Acho que é droga.

A. 4 – Acho que a indisciplina é sobre o respeito e as drogas.

Nos últimos anos foi possível perceber o crescimento significativo da presença das drogas nas redondezas de várias escolas brasileiras. De acordo com Guimarães (apud CANDAU, 2001, p.29), a interferência desses grupos se faz de maneira silenciosa e perspicaz.

... a intervenção por parte do narcotráfico nas escolas se faz de forma sutil, com pouca visibilidade, através de diferentes mediadores, representativos de posições diversas em relação às quadrilhas, tendo como propósito ampliar a área física e os grupos sociais sob seu controle. (GUIMARÃES, apud CANDAU, 2001, p.29)

Tais fatos acarretam mudanças, inclusive, na organização da própria escola, pois essa instituição se vê obrigada a estruturar-se de uma maneira em que os alunos possam ser protegidos entre seus muros, muitas vezes aprisionando-os e enfatizando ainda mais sua função disciplinadora.

Um aluno associa o conceito de indisciplina a loucura.

A.1 – Indisciplina? Eu acho que é... Esqueci o que eu ia falar... É... É que nem louco. Quando não faz o que é certo.

Foucault ressaltava que:

A prática do internamento, no começo do século XIX, coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir, de querer, de tomar decisões e de ser livre. (FOUCAULT, 1982, p.121)

Quando perguntado se existem muitos atos indisciplinados nas classes em que estudam, dez dos alunos entrevistados responderam que não há nenhum problema.

A.1 – Não.

A.2 – Não.

A. 4 – Não.

A. 5 – Não.

A. 6 – Não.

A. 8 – Não muito.

A. 14 – Não.

A. 16 – Não.

A. 17 – Não.

A. 20 – Não muitos.

Os outros alunos relataram comportamentos de desrespeito tanto com a professora, como entre os colegas.

A.3 – Poucos. Hum... Hum... Ai... Quando ela desobedece a professora e fala assim... É... Por favor, pega aquele livro. Aí, ela não fizer, aí é pra mim indisciplina.

A.7 – Sim. Joga livrinho no chão e rasga, solta o tênis de qualquer jeito, derruba a cadeira. Ah... Derruba a cadeira. Ah... Rabisca a lousa e a professora nem deixa. Bate no outro.

A.9 – Uns três mais ou menos. É ficar bagunçando, fazendo palhaçada no meio da aula. Falar mais alto que a professora.

A.10 – Existe. Não obedecer a professora.

A.11 – Sim. Não respeitar a professora.

A.12 – Existe. Não respeitar a professora.

A.13 – Sim. Bater nos outros.

A.15 – Tem. A como é que eu vou explicar? Assim... Eles bagunçam muito. Assim... Eles também não faz a lição.

A.18 – Tem. É falta de respeito, bagunça.

A.19 – Sim. É... As crianças batem muito uma na outra e se machucam muito.

Para Aquino (1998), o aluno considerado desrespeitador é uma das explicações encontradas por várias pessoas para justificar a existência da indisciplina atualmente, pois acreditam que a educação de antigamente por ser mais rígida, não permitia esse tipo de acontecimento.

Entretanto, é importante salientar que a escola de antigamente não era acessível para todos e, a minoria privilegiada que a freqüentava tornava-a um local elitista. Aquino (1998) ressalta que com o passar do tempo a escola foi ampliando, consideravelmente, o acesso a uma grande parte da população que não podia frequentá-la. Porém, após essa abertura, o grande desafio dos dias atuais é o de tornar esse ensino já ofertado, de qualidade. O autor ainda destaca que a quantidade de alunos que efetivamente apresentam um bom aproveitamento em seus estudos é semelhante ao dos que estudavam nos anos da escola de antigamente.

Dessa forma Aquino (1998), afirma que a tarefa de toda a população está em garantir uma escola de qualidade para todos, tanto para aqueles considerados indisciplinados ou não.

Também foi solicitado aos alunos que dessem outros exemplos de atos que os mesmos consideram indisciplinados.

- A.1** – Uma pessoa bagunceira, que faz bagunça. É... Uma pessoa... É... Um pouco chata.
- A.2** – É... Eu acho assim... Sabe... Que, que... A bagunça é o tipo que, é... Aprendeu com outras pessoas.
- A.3** – É quando desobedece.
- A.4** – Bater no outro.
- A.5** – Obedece.
- A.6** – Brigar e fazer bagunça.
- A.7** – Eles dá soco na cara, batem e dá chute no outro e fica brigando um com o outro e... Eles também fica um em cima do outro empurrando os outros.
- A.8** – É todo mundo sair bagunçando e gritando na sala.
- A.9** – Não obedece os mais velhos quando tiver falando. Fala e os outros fica lá gritando. É... Bate. Sempre que a professora vem falar com alguém ali na sala os outros ficam gritando.
- A.10** – Não obedece.
- A.11** – Bater no colega, gritar, xingar.
- A.12** – Fazer bagunça, bater nos outros.
- A.13** – Desrespeitar, falar...
- A.14** – É, bater. Brigar. É falar palavrão e não respeitar, tipo assim... Ficar xingando.
- A.15** – Bagunçar, roubar também, né?
- A.16** – bater nas crianças. Hum... Ficar gritando na sala.
- A.17** – Não respeitar mãe e pai. É...quando eu tava na terceira série, na primeira e na segunda, os meninos ficavam batendo, né?
- A.18** – É falta de respeito, bagunça.
- A.19** – Responder para a professora.
- A.20** – Ser mal educado, bater, brigar com os colegas.

Percebe-se que os alunos entrevistados relatam situações em que as agressões verbais e físicas aparecem como as principais formas de indisciplina. Tais comportamentos tão frequentes no cotidiano escolar acabam sendo banalizados por uma parcela considerável da sociedade, ou são considerados como manifestações normais da idade, ou da condição social e econômica dos jovens.

Por último os alunos entrevistados deveriam fazer considerações sobre o que poderia ser feito para punir os atos considerados indisciplinados.

- A.1** – Podia é... Ir tomar suspensão ou ir expulso da escola.
- A.2** – Ser feito para... Assim... As pessoas tem que é... Respeitar.
- A.3** – Eu acho que é castigo. Tipo assim... Deixar dar um tempo, alguma coisa assim.
- A.4** – Tirar da escola.
- A.5** – Ficar de castigo.
- A.6** – Não ter mais briga, ter mais respeito.
- A.7** – Fosse todos para a diretoria.
- A.8** – É colocar de castigo.

- A.9** – Ficar de castigo.
- A.10** – Não sei.
- A.11** – Parar de bater, essas coisas...
- A.12** – Não sei.
- A.13** – Dá castigo.
- A.14** – Um respeitar o outro.
- A.15** – Ter mais educação.
- A.16** – Ter educação em casa.
- A.17** – Todo mundo seguir Jesus, né? Eu acho que isso é a única coisa.
- A.18** – Ah... Não sei.
- A.19** – Cada série... Ficar... Cada quarta... Recreio só de quarta, recreio só de terceira, recreio só de segunda, recreio só de primeira.
- A.20** – Ter mais educação.

A maioria dos alunos entrevistados considera que a punição deve ser feita como forma de um castigo que ensine aquele que cometeu o ato dito como indisciplinado a não cometê-lo novamente. Foucault (1982), afirma que o castigo deveria ter como objetivo condenar de acordo com a proporção do fato ocorrido, ou seja, a pena seria dada a partir do grau da ordem social violada.

Assim de acordo com Foucault (1982), o poder de punir estaria associado a seis regras importantes: a regra da quantidade mínima, quando o mal causado pelo castigo ultrapasse o bem que o culpado queria praticando o crime; a regra da idealidade suficiente, a punição não precisaria causar sofrimento, mas a idéia de um desprazer, pois este sentimento poderia impedir uma reincidência; a regra dos efeitos laterais, a pena deveria ter efeitos naqueles que não cometeram a falta; a regra da certeza perfeita, cada ato considerado inadequado deveria estar associado a um determinado castigo, mas para isso as penas teriam que ser perfeitamente claras, sendo possível distinguir o que é certo e o que é errado; a regra da vontade comum, a verificação dos atos ilícitos deveria obedecer aos critérios gerais de qualquer verdade; e a regra da especificação ideal, as infrações e os castigos teriam que ser classificados e qualificados, pois o mesmo castigo não tem igual valor para todo mundo.

Dessa maneira é interessante observar como os alunos associam vários princípios do pensamento de Foucault ao tentarem elaborar as punições para aqueles que cometeram algo que consideram fora dos padrões disciplinares. Os tipos de punições que, segundo os alunos, podem ser utilizados para conter os atos indisciplinados demonstram o sentimento de vergonha que o acusado sofre ao cumprir o castigo; esses castigos amedrontam os demais fazendo com que contenham seus atos para que não cometam as mesmas ações que levaram um colega a ser castigado;

frequentemente é exposto pela escola o que é considerado certo ou errado para que os alunos tenham claro que dependendo de suas atitudes estão transgredindo ou não uma determinada regra e, por isso pode lhes ser aplicado o castigo referente ao delito.

As declarações dos alunos evidenciam uma prática muito comum realizada pela equipe gestora desta unidade educacional e pouco mencionada pelos professores, diretor e vice-diretoras, mas evidenciada durante a pesquisa de campo.

Os atos considerados indisciplinados são punidos através de castigos como ficar sem as aulas de Educação Física e sem brincar durante o recreio, passando por advertências verbais, o contato da equipe gestora com a família do aluno, chegando até mesmo às suspensões de no máximo uma semana.

Muitos alunos já demonstravam conformismo pelas punições impostas, não enxergando como uma maneira de mudar um comportamento que colocava em risco a sua convivência dentro da escola.

As regras e as punições, frequentemente, foram impostas pela própria figura do diretor que buscava a todo o momento medidas paliativas ao invés de juntamente com toda a equipe de professores procurarem soluções mais eficazes que conscientizassem os alunos sobre suas posturas.

Dentro desse contexto, a punição não aparece como um efeito de poder arbitrário do ser humano, mas como uma relação natural entre aqueles que mandam e os que obedecem. A punição e a submissão ainda parecem ocupar um grande espaço no cotidiano escolar, pois o bom aluno somente existe a partir da combinação desses dois fatores que permitem a manutenção de um sujeito obediente.

CAPÍTULO 3 – Considerações Finais

A partir das análises das entrevistas dos alunos, professores e equipe gestora da escola estudada, torna-se possível evidenciar que a indisciplina apresenta-se de forma complexa no âmbito escolar e suas manifestações são evidenciadas através das agressões físicas e verbais que ocorrem entre os alunos.

A maioria dos entrevistados acredita que o maior problema da escola pesquisada é a presença de comportamentos inadequados de determinados alunos que brigam, bagunçam e também se agridem utilizando xingamentos.

A escola como instituição responsável em transmitir os conhecimentos acumulados na sociedade, através dos conteúdos e disciplinas acadêmicas e, como espaço em que a educação é legitimada, vem passando por um grande problema que se caracteriza ao mesmo tempo como um significativo obstáculo para a concretização de seus objetivos: a existência cada vez mais comum de atos de indisciplina. Dessa forma é enorme a preocupação de todos os envolvidos na construção do conhecimento dentro do processo educativo, para encontrar possíveis soluções ou tentativas para amenizar as condições de convivência existentes atualmente na escola.

De acordo com Aquino (1986), a indisciplina dentro de uma perspectiva sócio-histórica, estaria relacionada ao tipo de escola idealizada para uma determinada parcela da sociedade (rica), ocupada pelos indivíduos que não tiveram acesso a essa instituição durante vários anos. Dessa forma ao expandir o acesso das massas à instituição escolar, não houve a atenção para o fato que esse ingresso possibilitaria uma enorme mudança da escola antiga para a atual. Assim, a escola continuou sendo a mesma, porém seu espaço de relações tornou-se completamente transformado.

Neste caso, o conflito se torna inevitável e como afirma Chrispino (2007), eles existem desde a própria infância, passando pela adolescência, chegando até a maturidade.

É possível perceber que o conflito sendo considerado como a explanação de diferentes interesses e opiniões, tornaria a escola o local em que as divergências de idéias, ou ideais estariam sempre presentes, causando dessa maneira inumeráveis conflitos. Além disso, a abertura da escola para todos, possibilitou que indivíduos com

diferentes culturas e expectativas frequentassem um único local que continuou sendo o mesmo de sempre e não acompanhou as mudanças.

Quando a escola passou a ser frequentada por todos houve a necessidade de disciplinar ainda mais as pessoas através de regras socialmente estabelecidas para a manutenção da ordem. A imposição de limites serve como ferramenta para a obtenção de respeito, ou ao que for determinado por essa e outras instituições.

Guimarães (2005) destaca que a escola muitas vezes tenta igualar cada vez mais os indivíduos, pois quanto mais igual, mais fácil de dirigir. A autora ainda coloca que através de mecanismos disciplinares, a escola, tenta condicionar e disciplinar o comportamento dos alunos.

Os entrevistados (professores e equipe gestora da escola) demonstraram em suas considerações, diferentes interpretações sobre o conceito de indisciplina. Para a maioria a indisciplina está associada a não aceitação por parte dos alunos em cumprir as regras que regulam um bom convívio social, para os outros ela está relacionada aos comportamentos de apatia presentes em certos alunos que se mostram desmotivados, ou desinteressados.

Dessa forma a indisciplina manifestada por um indivíduo ou um grupo, pode ser compreendida normalmente como um comportamento inadequado, como forma de desrespeito, desobediência às regras e normas estabelecidas por uma instituição.

Entretanto, a maneira como o ato indisciplinado é interpretado acarreta uma série de implicações na prática pedagógica, pois interfere nas relações estabelecidas entre os alunos e a equipe de profissionais da escola.

A maioria dos alunos também acredita que o conceito de indisciplina esteja relacionado à falta de respeito, de obediência e a presença de comportamentos de intolerância (como as brigas e a bagunça). Isso nos revela o quanto a exposição metódica de que as regras são necessárias para o convívio entre todas as pessoas está incorporada pelos alunos que enxergam na disciplina um conjunto de leis que devem ser cumpridas.

Ao longo dos anos a punição física foi sendo substituída por castigos ditos como de controle da indisciplina, sem utilizar práticas em que os alunos eram agredidos fisicamente.

Foucault (1987) atribuía o uso de castigos físicos como uma forma de controle da ordem dentro da sociedade. Durante o século XVIII esses sistemas de punição, vigilância e controle faziam parte de todas as instituições, desde a família, até a prisão, passando pela escola e pelo serviço militar.

Essa forma de controle do comportamento foi denominada como disciplina.

Para a maior parte dos entrevistados (professores e equipe gestora) a indisciplina estaria associada ao não cumprimento das regras impostas pela escola, à desobediência e desrespeito as normas estabelecidas. Assim, certos alunos ficariam a margem dos objetivos educacionais da escola, pois não se enquadrariam devidamente as regras da instituição. Dessa maneira, a escola, não se responsabiliza pela presença de comportamentos considerados como indisciplinados, atribuindo a fatores externos, como a família, a culpa da existência de alunos que não seguem o que é imposto.

A bibliografia pesquisada ressalta que no início, a punição, era exercida através da tortura em que a figura do soberano com o seu poder se mostrava no sofrimento do condenado. Ao longo dos anos, a punição nas prisões tinha como objetivo corrigir e reeducar aquele que cometia algum delito. A sociedade disciplinar formava um tipo de organização em que as informações eram transmitidas hierarquicamente e verticalmente, isso fazia com que o indivíduo frequentasse espaços fechados com suas regras e leis. Tal espaço fechado possibilitava vigiar os indivíduos inseridos nesse local, podendo-se controlar os menores movimentos e acontecimentos possíveis para a manutenção da ordem.

As medidas punitivas utilizadas pela equipe gestora da escola pesquisada evidenciam imposições por meio de comportamentos que devem ser seguidos por todos e qualquer ato fora do que é esperado para os padrões considerados normais é corrigido através de advertências verbais e suspensões, buscando padronizar as atitudes que são tidas como ideais. A equipe de profissionais da escola ao tentar amenizar os problemas oriundos dos atos ditos como indisciplinados, enfatiza muito mais seu caráter autoritário e revelam o enorme choque nas relações de poder instituídas na escola. O autoritarismo apresentando-se com um novo vestuário não deixou de existir, fazendo com que aqueles que não se ajustam ao que é determinado sejam punidos e sirvam de ensinamento para outros indivíduos que tentem cometer os mesmos atos.

Aplicar punições como chamar a família, suspender o aluno, ou privá-lo de frequentar aulas de Educação Física, ou passeios extra-curriculares somente enraízam mais o problema e não contribuem para a discussão da função da escola atualmente. As considerações realizadas pela equipe de profissionais da escola indicam a inexistência de um projeto específico para lidar com as atitudes indisciplinadas no seu interior, em que ações e estratégias estipuladas por todo o grupo possam ser utilizadas frente aos acontecimentos em que agressões físicas e verbais estejam envolvidas.

Enfim, a escola encontra-se estabelecida de acordo com o momento histórico em que está inserida, estabelecendo uma relação com a sociedade de determinado período. Dessa maneira evidencia conflitos que são gerados a partir das relações entre diferentes, o que aumenta a necessidade de repensar as formas de educação dos indivíduos envolvidos com o processo pedagógico.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE, J.A.G. **Instituição e Poder**: a análise completa das relações de poder nas instituições. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

AQUINO, J.G. **Indisciplina na escola**: alternativas práticas e teóricas. São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Relação professor-aluno**: uma leitura institucional. São Paulo: Summus, 1986.

_____. **A indisciplina e a escola atual**. São Paulo: Edusp, 1998. Disponível em <http://scielo.com.br>. Acesso em: 30/01/2010

CANDAU, V.M.; LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

CHRISPINO, A. **Gestão do conflito escolar**: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. IN Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ. Rio de Janeiro: v. 15, 2007.

ECCHELI, S.D. **A motivação como prevenção da indisciplina**. Curitiba: Editora UFPR, nº32, 2008

FÁVERO, A.A. **A problemática da (in) disciplina na prática pedagógica em sala de aula**: a comunidade de investigação como tentativa de superação. IN Philos Revista Brasileira de Filosofia, nº 8, p.32, Santa Catarina, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

_____. **Estratégia, Poder-Saber**. Org. Manoel Barros da Motta, Trad.: Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FUKUI, L. **Segurança nas escolas**. IN: ZALUAR, A. (org.) Violência e Educação. São Paulo: Cortez, 1992

GUIMARÃES, M. A. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade.** Campinas: Autores Associados, 2005

GUIRADO, M. **Poder indisciplina:** os surpreendentes rumos da relação de poder. IN Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. Org. Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1996.

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PLANO de Trabalho, ano 2009, Escola Sérgio Hernani Fittipaldi.

ORIENTANDA

JULIA NUNES CERQUEIRA DOS PASSOS

ORIENTADORA

JOYCE MARY ADAM DE PAULA E SILVA